



RECOMENDO VIVAMENTE O LÁPIS AZUL APLICADO SOBRE A LEI DO PAI TIRANO

Cátia Terrinca

Tenho uma amiga
Que se maquilha à noite
Para jantar sozinha.

Hoje risquei os olhos,
Debaixo dos olhos,
Com lápis azul.

O lápis azul é azul
Não tapa os olhos
Nem deixa ver

Procuro Deus
Procuro Deus
Procuro Deus
Em todas as leis.

Será ele justo?

(Se o silêncio fosse
Fosse a paz, a paz somente
E nunca a mordança)

12 Passas para adoçar o totalitarismo

1. O António Costa é o Primeiro Ministro de Portugal.
2. Eu não sou filha do António Costa. O meu pai chama-se Inácio Terrinca.
3. Os cidadãos devem ser informados com clareza. Os filhos também.
4. Eu não gosto de ser educada pelo governo. O meu pai deu-me poucas ordens.
5. Sobre educação, dizem que quando se diz não, se deve explicar porquê.
6. Por que é que não devemos estar uns com os outros, António Costa? Eu quero estar com o meu pai.
7. Eu queria abraçar-te. Posso abraçar-te? São 20 segundos de ocitocina.
8. Se produzirmos mais ocitocina, estamos a melhorar o Sistema Nacional de Saúde.
9. Eu queria abraçar-te sem me sentir criminosa.
10. Em 2021 vou viver.
11. Em 2020 sobrevivi à vida.
12. Também te parece que #OrgulhosamenteSós é um bom hashtag para quando nos cansarmos de ficar em casa?

NOKIA

Não me vais trair. Não és um bufo. Olho-te com todo o carinho. Keria lembrar-me quando escrevia mensagens assim.

Keria. Imagina que, de repente, Acordamos todos para nunca mais.

15 de Outubro de 2020

Não há adolescência nenhuma em contestar a lei da vida

Acho que não tenho medo da morte. Lembro-me de visitar a prisão de Peniche, num dia especialmente frio, ventoso e de chuva. A liberdade nunca para mim foi ter dinheiro na conta. Sou suficientemente pobre para receber 500 euros por mês, ter um filho e comer bio. Tenho os meus privilégios. Não pago a casa, que é dos meus pais. Entre outros. Tenho escolhido viver, sempre que possível. Faço teatro. Esse deve ser o meu Marte. Posso morrer de várias coisas que não evito. Uma delas é, de facto, ser profissional das Artes do Espetáculo. Outras, mais simples, andar de carro, beber do mesmo copo que alguns amigos, fazer festas a cães de rua, enfim. Confesso que não percebo a redução da existência ao binómio estar vivo/estar morto. E essa crise filosófica escancarada em 2020 deve ser denunciada pelos que querem viver. Os puritanos salvadores de números querem-nos à frente de ecrãs. #estamosjuntos. Como se o ócio fosse pecado, devemos sair à rua apenas pelos motivos fundamentais. Ocorreria a uma máquina de lavar roupa ir a um concerto? Às vezes, recordo-me da escola primária: se já acabaste as palavras difíceis, podes fazer um desenho. Devemos policiar-nos, na impossibilidade de haver um polícia que ajude cada um de nós. Vamos ser capazes. Depois, virá o tempo dos desenhos. Tenho câibras na imaginação. Tenho câibras no coração. Tenho câibras nos sonhos. Por que corremos contra a covid-19, com aparente tremendo empenho coletivo? Corremos ignorando o mundo, como se só correr importasse, como se só correr existisse, como se só importasse nesta corrida chegarmos ao fim (esse #vaidoficarbem longínquo) com os sinais vitais. Uma lenda portuguesa que li uma vez falava sobre o mar. Era uma vez o mar. O mar às vezes matava barcos e pescadores, porque as ondas eram altas. Um dia, o mar soube que era o vento que desenhava as ondas e foi perguntar à estrela polar se podia falar com o Vento. A estrela polar tinha medo e indicou-lhe a Lua. A Lua de nada sabia e o Mar acabou por falar com o Sol. O Sol riu-se. Penso nisto. Bebo um copo de leite gordo frio. Hesito entre pensar numa performance ou convocar conversa com epidemiologistas e filósofos. O que ilumina o caos? Sei, ou finjo saber, que é o Encontro. Esse néctar de que nos querem privar os deuses. E então escrevo na agenda para amanhã: tentar marcar 31 de Dezembro de 2020 como data para ENCONTRO: A política pós covid-19.

Geminiana nascida em Lisboa, em 1990, cresce em Santo António dos Cavaleiros. Licencia-se em Teatro, pela ESTC e pela RESAD e desenvolve o seu projeto pessoal e artístico entre Portugal e Cabo Verde, entre o português e o crioulo. Trabalhando paralelamente como atriz profissional, o seu tempo é dedicado sobretudo ao UMCOLETIVO, estrutura fundada em 2013 com Ricardo Boléo, na qual explora processos de rescrita como dramaturgista e atriz, procurando construir uma linguagem que contrarie o frenesim quotidiano e capitalista, trazendo a discussão questões femininas e do feminismo. Escolheu viver em Elvas e é aqui que, agora, se realiza também enquanto programadora do festival A Salto. É mãe.

I HIGHLY RECOMMEND THE BLUE PENCIL USED ON THE TYRANT FATHER'S LAW

Cátia Terrinca

I have a friend
Who applies her makeup at night
To dine alone.

Today I lined my eyes,
Underneath my eyes,
In blue pencil.

The blue pencil is blue
It doesn't cover the eyes
Nor does it allow them to see

I seek God
I seek God
I seek God
In every law.

Is he just?

(If silence were
Were peace, only peace
And never the gag)

12 Steps for sweetening totalitarianism

1. António Costa is the Prime Minister of Portugal.
2. I am not António Costa's daughter. My father's name is Inácio Terrinca.
3. Citizens must be clearly informed. Children as well.
4. I don't like being educated by the government. My father gave me few orders.
5. About education, they say when you say no, you must explain why.
6. Why can't we be with each other, António Costa? I want to be with my father.
7. I would like to hug you. May I hug you? It's 20 seconds of oxytocin.
8. If we produce more oxytocin, we are improving the National Health System.
9. I would like to hug you without feeling like a criminal.
10. In 2021 I will live.
11. In 2020 I survived at life.
12. Does it also seem to you that #OrgulhosamenteSós is a good hashtag for when we are sick of being home?

NOKIA

No, you won't betray me. You are not a buffoon. Oh, I watch you tenderly. Keeping the memory of when I write messages like this. I'd like to keep it. Imagine that, suddenly, we all Awake to never again.

15 October, 2020

There is no adolescence in contesting the law of life.

I don't think I am afraid of death. I remember visiting the on an especially cold, windy and rainy day. Freedom for me has never been about having money in the bank. I am poor enough to receive 500 euros per month, have a son and eat organic. I have my privileges. I don't pay for rent as the house belongs to my parents. Among other things. I have chosen to live, whenever possible. I do theatre. That must be my Mars. I may die from several things I don't avoid. One of them is, in fact, being a professional in the Performing Arts. Others, simpler, being in a car, drinking from the same glass as some friends, petting street dogs, and so on. I confess that I don't understand the reducing of existence to the binomial being alive/being dead. And this wide open philosophical crisis in 2020 must be denounced by those who want to live. The puritanical saviours of numbers want us behind screens. #estamosjuntos. As if leisure were a sin, we must only go out for essential reasons. Would it occur to a washing machine to go to a concert? Sometimes I remember primary school: if you have finished the difficult word, you can draw. We must police ourselves, given the impossibility of a police officer to help each one of us. We can do it. And then the time for drawings will come. I have cramps in my imagination. I have cramps in my heart. I have cramps in my dreams. Why do we run against covid-19, with such an apparent tremendous collective dedication? We run, ignoring the world as if only the running mattered, as if only running existed, if the only thing that mattered in this race was getting to the end (that long-term #vaitudoficarbem) with your vital signs. A Portuguese legend I once read spoke of the sea. Once upon a time there was the sea. Sometimes the sea killed boats and fishermen, because the waves were high. One day, the sea found out it was the wind which drew the waves and went to ask the North star if he could speak with the wind. The North star was afraid and sent him to the moon. The moon knew nothing about it, and the sea ended up speaking with the sun. The sun laughed. I think of this. I drink a glass of cold full fat milk. I hesitate between thinking of a performance or invoking a conversation with epidemiologists and philosophers. What illuminates chaos? I know, or I pretend to know, it is the gathering. That nectar of which the Gods want to deprive us. And so I write in tomorrow's calendar: try to mark December 31, 2020 as a day for GATHERING: post covid-19 policy.

Geminiana, born in Lisbon in 1990, grows up in Santo António dos Cavaleiros. She earns a bachelor degree in Theatre from ESTC and RESAD, and develops her personal and artistic project between Portugal and Cape Verde, between Portuguese and Creole. Working simultaneously as a professional actress, her time is mostly dedicated to UMCOLETIVO, a structure founded in 2013 with Ricardo Boléo, in which she explores rewriting processes as a dramaturg and actress, seeking to build a language which contradicts the daily, capitalist hustle, and bringing to the discussion feminine and feminist questions. She chose to live in Elvas and it is here that she currently is also fulfilled as programmer of the festival A Salto. She is a mother.